ANÁLISE PSICANALÍTICA DAS PERDAS INFANTIS DURANTE O ISOLAMENTO SOCIAL (COVID-19)[1]

Carla Cristina ***Borges***[2]
Ana Carolina Martinez Di Renzo ***Navrocky***[3]
Cláudia Regina ***Jacob***[4]
Laudilene Vieira dos Santos ***Pereira***[5]

RESUMO
No ano de 2020, a Organização Mundial da Saúde decretou estado de pandemia em todo o mundo em decorrência do coronavírus SARS-CoV-2. À época, o isolamento social foi uma estratégia eficaz de contenção do vírus. Passada a pandemia, discutem-se os efeitos dela em todas as faixas etárias. O objetivo do trabalho foi verificar impactos sociais, comportamentais e socioemocionais em crianças em período de alfabetização, na perspectiva dos pais. Cinco mães participaram de uma Roda de conversa na qual puderam relatar suas experiências com seus filhos durante o período de isolamento. Os relatos das participantes foram organizados em um Mapa para análise do material levantado. Segundo as mães, as crianças foram impactadas em sua socialização e o oferecimento de um ambiente saudável ao seu desenvolvimento foi comprometido por situações que ultrapassaram as possibilidades de manejo das famílias. Embora a alfabetização tenha sido, no momento, afetada, os efeitos a longo prazo, na compreensão das mães, foram sanados.
Palavras-Chaves: Saúde mental; Crianças; Desenvolvimento infantil; Pandemia.

ABSTRACT
In 2020, the World Health Organization declared a state of pandemic worldwide due to the SARS-CoV-2 coronavirus. At the time, social isolation was an effective strategy for containing the virus. After the pandemic has passed, its effects on all age groups are being discussed. The objective of the work was to verify social, behavioral and socio-emotional impacts on children in the literacy period, from the parents' perspective. Five mothers participated in a conversation circle in which they were able to report their experiences with their children during the isolation period. The participants' reports were organized into a Map for analysis of the material collected. According to the mothers,the children were impacted in their socialization and the provision of a healthy environment for their development was compromised by situations that exceeded the families' possibilities of management. Although literacy was currently affected, the long-term effects on mothers' understanding have been remedied.
Keywords: Mental health; Children; Child development; Pandemic.

[1] O estudo é fruto de Trabalho de Conclusão de Curso orientado pela primeira autora.
[2] Psicóloga (UFPA), doutora em ciências (UNIFESP) e professora doutora no curso de Psicologia da Universidade Santa Cecília (UNISANTA), em Santos/SP.
[3] Universidade Santa Cecília – SANTOS-SP
[4] Universidade Santa Cecília – SANTOS-SP
[5] Universidade Santa Cecília – Santos-SP

RESUMÉN
En 2020, la Organización Mundial de la Salud declaró el estado de pandemia a nivel mundial debido al coronavirus SARS-CoV-2. En ese momento, el aislamiento social era una estrategia eficaz para contener el virus. Una vez pasada la pandemia, se están discutiendo sus efectos en todos los grupos de edad. El objetivo del trabajo fue verificar los impactos sociales, conductuales y socioemocionales en los niños en el período de alfabetización, desde la perspectiva de los padres. Cinco madres participaron en un círculo de conversación en el que pudieron relatar sus experiencias con sus hijos durante el período de aislamiento. Los relatos de los participantes fueron organizados en un Mapa para el análisis del material recolectado. Según las madres, los niños fueron impactados en su socialización y la provisión de un ambiente saludable para su desarrollo se vio comprometida por situaciones que excedieron las posibilidades de gestión de las familias. Aunque actualmente la alfabetización se vio afectada, se han remediado los efectos a largo plazo sobre la comprensión de las madres.
Palabras clave: Salud mental; Niños; Desarrollo infantil; Pandemia.

INTRODUÇÃO

No advento de 2020, a Organização Mundial da Saúde declarou em 30 de janeiro, emergência mundial de saúde pública, em decorrência do vírus da COVID-19 (OMS, 2020). Por conseguinte, muitos países optaram pelo isolamento social, como medida sanitária para controle da propagação do vírus, o que, na prática, implicou em regras que limitavam ações cotidianas como sair de casa e ir à escola. Teve-se, dessa forma, mudanças substanciais nos modos de relacionamentos humanos em diversos âmbitos sociais.

Dentre as mudanças decorrentes das ações de enfrentamento da COVID-19, os estudos vêm apontando diferentes impactos, os quais envolvem inclusive perdas sociais em uma dimensão global, sobretudo para as crianças. A ausência de referencial teórico que embasasse a adoção de estratégias ou protocolos por parte das famílias diante de perdas e/ou lutos acabou por agravar as preocupações sobre as etapas iniciais do desenvolvimento humano, em seus diferentes aspectos (OMS, 2020 e UNICEF, 2020).

Especificamente sobre ‘perdas’, segundo Freud (1917), na obra Luto e Melancolia, o luto seria igual à tristeza, como uma espécie de reação à perda real do objeto amoroso, de uma pessoa amada ou de uma abstração que ocupa o seu lugar, como pátria, liberdade ou um ideal. No período pandêmico foram observadas situações que podem ser compreendidas a partir desse conceito psicanalítico. Ainda sobre esse assunto, Kubler-Ross (1981) explica o luto como um processo de um ciclo que se fecha e a adaptação, como um novo processo para um novo ciclo, no qual o paciente se amplia novamente para a existência. A autora organiza esse processo nas cinco fases: negação,

raiva, negociação, depressão e aceitação. No entanto, tais etapas não são lineares, sendo um processo particular de cada indivíduo.

Tanto Freud, quanto Ross não classificam o luto como uma patologia, mas como um processo psíquico natural de elaboração de perdas (FREUD, 1917; KUBLER-ROSS, 1981). Nesse sentido, quando se reflete sobre as possíveis perdas que afetaram as crianças, faz-se necessário incluir aspectos como privação de relações com pares etários e do cotidiano escolar, e ainda o brincar em espaços coletivos como: parques, praças e quadras (FREUD, 1917).

Influenciadas pelo afastamento dos pares, inclusive em âmbito escolar e, em alguns casos, expostas a experiências de luto, em seu mundo público e/ou privado, o conceito de "ambiente suficientemente bom", de D.W. Winnicott (1983) pode auxiliar numa melhor compreensão do fenômeno. Segundo o autor, este tipo de ambiente não é idealizado como um espaço perfeito, mas deve ser suficientemente adaptável e compreensivo para permitir que a criança explore o mundo e desenvolva um senso de identidade e autonomia. Quando a criança é colocada em um ambiente que equilibra segurança e desafio, ela é mais capaz de enfrentar frustrações e experimentar sucessos, o que é fundamental para o desenvolvimento (WINNICOTT, 1983).

Winnicott argumenta ainda que, em um "ambiente suficientemente bom", a criança pode vivenciar a 'experiência verdadeira' e a 'transição' para a independência, essencial para o amadurecimento saudável. De acordo com a 'Teoria do desenvolvimento maturacional', o amadurecimento não é um evento repentino, mas um processo contínuo que ocorre ao longo do tempo e é influenciado pela interação da criança com seu ambiente e suas figuras de apego. A capacidade da criança de passar de um estado de dependência absoluta para um de independência relativa é facilitada pela presença dos cuidadores (facilitadores) que fornecem apoio adequado e oportunidades para a exploração e experimentação. Esse processo de amadurecimento é sustentado por um ambiente que encoraja a autonomia e a autoexpressão, permitindo que a criança desenvolva uma sensação de identidade e competência pessoal ao longo do tempo (WINNICOTT, 1983).

Uma análise dos efeitos da pandemia de COVID-19, à luz do conceito de 'ambiente suficientemente bom', de Winnicott, sugere que o isolamento social criou uma série de condições adversas que afetaram esse ambiente, incluindo o fechamento de escolas, a redução das oportunidades para o brincar, os lutos e a mudança nas rotinas

diárias. Esses fatores não apenas limitaram as oportunidades das crianças para interações sociais e experiências de aprendizado, como também intensificaram situações geradoras de ansiedade e insegurança (WINNICOTT**,** 1983).

A pandemia, conjuntamente ao isolamento social, pelos fatores já explicitados aqui, lançou luz às condições de saúde mental das crianças. Para a psicanálise, uma situação traumática desse nível, como pode ter sido o contexto pandêmico, consiste em um evento ou conjunto deles em que o sujeito é exposto a uma quantidade intensa, excessiva, surpreendente e desagradável de estímulos. O isolamento social que levou ao afastamento de objetos de amor/significativos, somado às perdas no desenvolvimento escolar e na alfabetização, e mortes de entes queridos, expôs as crianças a situações diversas que exigiram delas condições de lidar com processos de elaboração de perdas (FREUD, 1917; KUBLER-ROSS, 1981).

A escola tem um papel fundamental no desenvolvimento do sujeito (OLIVEIRA, 1997). É no âmbito escolar que as crianças ampliam suas experiências para além da proteção do âmbito familiar e desenvolvem estratégias que lhe serão úteis nas etapas posteriores do desenvolvimento humano. É nesse contexto que temos o auge do desenvolvimento do aspecto cognitivo, aliado ao físico e emocional/psicológico.

Nas sociedades escolarizadas, a Escola tem a função de desenvolver o aprendizado do alunado em consonância com a fase de desenvolvimento do discente, interferindo, assim, na zona de desenvolvimento, provocando avanços que não ocorreriam naturalmente. Através de intervenções por demonstração, assistência, pistas e instruções, a criança não percorre sozinha o caminho do letramento/aprendizagem. Essa companhia pode ser inclusive de um colega de sala, o que também contribui para o avanço do desenvolvimento. Nesse sentido, as crianças utilizam as relações sociais como forma privilegiada de acesso à informação (OLIVEIRA, 1997).

Entre os diferentes momentos da escolarização, o letramento, que, na sociedade brasileira, ocorre por volta dos seis anos de idade, configura-se como um momento transitório, cujo objetivo final implica na entrada da criança na comunicação formal, através da leitura e da escrita. Tal aquisição diz respeito a um refinamento cognitivo e socioemocional que requer, por parte da instituição escolar e família, recursos que favoreçam à criança a aquisição desse novo recurso (LURIA, 1987).

Em face ao exposto, este estudo buscou verificar os impactos sociais, comportamentais e socioemocionais decorrentes da pandemia/isolamento social em

crianças, entre cinco e sete anos, período do letramento, na perspectiva dos responsáveis.

MÉTODO

Pesquisa, de caráter investigativo, com responsáveis de crianças sobre o período de isolamento social provocado pela pandemia de COVID-19.

Participantes

Participaram da pesquisa cinco mães de crianças, de cinco a sete anos, à época do isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19. Todas as participantes possuíam nível superior completo e mantiveram seus trabalhos, nas modalidades presencial, *home office* ou híbrido. A idade média das participantes foi 42,6 anos.

A seguir estão caracterizadas cada uma das participantes:

- Participante 1: D., sexo feminino, 42 anos, advogada. Manteve o trabalho na modalidade *online*; filha de 5 anos.
- Participante 2: G. sexo feminino, 40 anos, analista de sistema. Manteve o trabalho na modalidade *online*; filho de 6 anos.
- Participante 3: C., sexo feminino, 45 anos, professora. Suspendeu o trabalho durante o isolamento social; filho de 7 anos.
- Participante 4: T., sexo feminino, 50 anos, oficial de justiça. Realizou o trabalho na modalidade híbrida; filha de 6 anos.
- Participante 5: P., sexo feminino, 37 anos, professora. Realizou o trabalho na modalidade híbrida; filha de 7 anos.

Ferramenta metodológica

Visando obter profundidade a partir dos relatos das participantes, optou-se pela realização de uma Roda de conversa enquanto ferramenta metodológica. As Rodas de Conversa consistem em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática em que é possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos por meio do exercício reflexivo. Tais Rodas têm como objetivos socializar saberes e implementar a troca de experiências, de conversas e de conhecimentos entre os envolvidos, no sentido de (re)construir novos conhecimentos sobre a temática proposta (WARSCHAUER, 2004). Analogamente ao período de isolamento social, optou-se por uma Roda de conversa *online*.

Procedimentos

De seleção da amostra

Os convites foram feitos pessoalmente pelas discentes pesquisadoras, em diferentes escolas particulares de um mesmo município da região da Baixada Santista, localizado no litoral do estado de SP, segundo os critérios de conveniência e acessibilidade. Ressalta-se que à época da pandemia, as crianças estudavam em escolas diferentes umas das outras, localizadas em cidades diversas de São Paulo.

Éticos

Após concordarem em participar da pesquisa, as participantes receberam, via rede social, o *link* para acesso ao Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), o qual foi devidamente assinado por todas as participantes, antes da realização da Roda de conversa.

A pesquisa recebeu aprovação do Comitê de ética em pesquisa da Universidade Santa Cecília pelo parecer nº 6.855.031, de 28 de maio de 2024.

De levantamento do material discursivo

O levantamento dos discursos que compuseram a pesquisa foi feito a partir de uma Roda de conversa, *online,* realizada no dia 27 de junho de 2024, via plataforma Zoom. A Roda de conversa iniciou-se às 19h e teve duração de uma hora e 40 minutos. Participaram da Roda todas as cinco mães conjuntamente às três autoras do trabalho. As pesquisadoras convidaram as participantes a falarem livremente sobre os seguintes temas:

- Cotidiano familiar durante o isolamento social;
- Comunicação às crianças sobre a COVID-19 e a necessidade do isolamento social;
- Nuances do retorno à escola - modalidade presencial;
- Quaisquer outros assuntos relacionados ao contexto do isolamento social para as crianças.

Os temas somente foram apresentados durante a Roda de conversa e nenhuma ordem de fala foi requerida às participantes, no intuito de que todas se sentissem o mais livre possível para compartilhar suas experiências e impressões de seus filhos à época do isolamento social. A Roda de conversa foi gravada, tanto em vídeo quanto em áudio, com anuência das participantes (via TCLE), para posterior análise.

De análise do material discursivo

A gravação da Roda de conversa permitiu que todo o conteúdo dos discursos

fosse transcrito, através do aplicativo *Transkriptor*, gerando um texto que foi organizado em um Mapa, a partir da proposta de Spink e Lima (2004). O Mapa consiste em um instrumento de visualização do processo de interação, que possibilita, entre outras coisas, mostrar o que acontece de fato diante de determinados temas.

Na prática, o Mapa é construído a partir de uma tabela na qual as colunas são definidas tematicamente. A totalidade do material produzido na Roda de conversa foi organizado em quatro categorias temáticas, que sistematizam a Roda de conversa (ou o material discursivo), em um processo que permita ao pesquisador a organização de conteúdo de uma interação discursiva muito peculiar gerada pelo procedimento de pesquisa (SPINK e LIMA, 2004).

É válido ressaltar que tais temáticas não foram definidas a *priori*, uma vez que a própria definição das temáticas organizadoras dos conteúdos da entrevista já marca o início do processo de interpretação do material levantado. Nas palavras dos autores, "Se as temáticas não fazem violência ao conteúdo da entrevista, a interpretação flui e isso fica óbvio pela facilidade de cortar a entrevista transcrita e colar nas colunas do mapa. Quando há dificuldade, quando as falas não se encaixam nas colunas, é porque as categorias temáticas não estão funcionando. Assim, os *Mapas* têm ainda essa vantagem de orientar o processo de análise" (SPINK e LIMA, 2004, p. 40).

A seguir estão apresentadas as quatro categorias temáticas do trabalho utilizadas na análise dos resultados.

- **Categoria temática: Perdas**

Nessa categoria foram incluídos os relatos das participantes que trataram de perdas diversas vivenciadas pelas crianças durante o período do isolamento social, como ausência paterna, falecimento de entes queridos e perda da sensação de segurança, como é possível notar nos seguintes relatos:

Na pandemia, logo no início, meu esposo estava em missão na China. E, bom, o início pra gente foi bem torturante, porque ele teve que ficar confinado lá, e nós aqui no Brasil, né? Eu não tenho família aqui (Participante 3).

(...) teve ainda um prejuízo que a minha mãe faleceu em julho de 2020. Não foi de Covid, mas mexeu muito com a gente porque nós vivenciamos essa questão dos velórios relâmpagos… e foi bem traumático para ela e para mim. (Participante 1)

Então é uma pegada meio assim, olha, vai todo mundo ficar trancado em casa, porque se sair no elevador vai todo mundo morrer. (Participante 2)

- **Categoria temática: Ambiente**

Nessa categoria podemos observar o conceito de 'ambiente' explorado de duas formas. Os obstáculos nos ambientes físicos, mas principalmente as mudanças no ambiente levando em conta o emocional e psicológico, que possivelmente foram marcados durante o isolamento social decorrente da pandemia Covid-19. A seguir estão exemplos de relatos incluídos nessa categoria.

Bom, eu morava nessa época da pandemia na Baixada Santista e eu fui para Franca, é a minha cidade natal, fui ficar perto da minha mãe, da minha família. Nós ficamos muito isoladas lá. (Participante 1)

V. foi para a escola na primeira semana e começou a ficar ansioso em alguns momentos. Muito agitado. E realmente ele estava com pânico. Pânico de estar na escola, de ficar doente. (Participante 3)

As crianças não sabiam nem como agir, elas não sabiam se podiam brincar, se podiam interagir uma com a outra. Foi bem esquisito, até voltar à normalidade… (Participante 4)

Categoria temática: Alfabetização.

Nessa categoria foram contemplados os relatos referentes a questões associadas ao processo de alfabetização/letramento das crianças, assim como possíveis dificuldades observadas pelas mães, como é possível notar a seguir.

A S. tinha 6. Ela tinha acabado de completar 6 anos no meio do ano de 2020, no olho do furacão da pandemia. Ela estudou numa escolinha lá que se chama X (nome da instituição foi ocultado para preservar o sigilo)*, mas a escola simplesmente parou, eles não souberam como lidar com a pandemia. Então ela foi bastante prejudicada na*

alfabetização dela. Ela não queria de jeito nenhum. Ela não prestava atenção em absolutamente nada. Eu tentava fazer analogia do alfabeto, para ver se ela conseguia aprender a ler e tal. Eu tentando alfabetizar, eu não tenho a menor didática para isso. Então ela foi, não teve alfabetização, foi muito complicado. (Participante 1)

O B. não conseguia escrever lé com cré, meu Deus do céu. Ele deve estar aqui até me ouvindo, depois ele vai me perguntar, nossa gente! Dei esse trabalho? Deu. Quase me enlouqueceu, ele não conseguiu ser alfabetizado. Tanto é que ele foi alfabetizado quando entrou no colégio que ele está hoje, e no segundo ano só. Então, eu estou até meio perdida nas datas. Mas ele ficava comportado, ficava prestando atenção, mas comia uma mosca danada. Passava um avião, ele ia prestar atenção no avião". (Participante 2)

Categoria temática: Outros assuntos

Nessa categoria foram incluídas as falas que não corresponderam às demais categorias de análise do estudo, como exemplificado a seguir.

Na época, foi tudo repentino de um dia para o outro não podia mais ir para a escola. Para explicar a eles quis fazer algo lúdico e utilizei um gel, um gel transparente, eu passei na mãozinha deles, eles eram bem pequenos e aí falei para eles que o Covid era algo que eles não conseguiam ver, mas eles sentiam, assim como o gel na mão. Então eu falei com eles, olha, é assim que é o Covid. (Participante 3)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Mapa com as categorias temáticas de análise do estudo está ilustrado na Figura 1, a seguir.

Figura 1 - Mapa de análise da Roda de conversa

Ambiente	**Perdas**	**Alfabetização**	**Outros assuntos**

escola. E ela estranhou muito. Fui prática e falei… (Participante 1)	Não pode ficar beijando. Então existe um vírus aí que ele é mais difícil, ele é mais perigoso do que a gripe e está espalhado por todo lugar. (Participante 1) A vovó, as primas. Ninguém está indo na casa da vovó, expliquei pra ela, né? Ela tinha cinco, ia fazer seis anos ainda, né? Então ela era muito... não compreendia muito bem, mas ela aparentemente entendeu (Participante 1)		Sabe quando a gente pega uma gripe? A gente fica doente, né? É uma gripe muito forte e temos que limpar a mão toda hora. (Participante 1) A gente não tem como saber quem está doente, o que está acontecendo. Então por isso as pessoas tinham que ficar em casa para se proteger. (Participante 1)

Legenda: Mapa de produção das autoras.

Conforme é possível visualizar, a organização dos relatos a partir das categorias temáticas mostrou-se uma estratégia metodológica pertinente, uma vez que, a partir de o próprio processo de organização das falas das participantes a partir das categorias permitiu, desde essa fase incipiente do processo, que as autoras se familiarizassem com a composição de cada uma das categorias. Nesse sentido, optou-se por apresentar essa seção em tópicos, sendo eles específicos de cada categoria.

- **Perdas**

A primeira perda significativa foi a privação de liberdade: explicar aos filhos que não poderiam estar com pessoas que amavam, como avós, pais (que estavam trabalhando em outros países). O sentimento foi manifestado em dor, lágrimas e muitas tristezas. A fase de negação, parte do processo de elaboração do luto, segundo Kubler-

Ross (1981) pôde ser observada, quando as mães questionaram a duração da pandemia, embora cada vez mais as notícias evidenciam a piora na situação em todo o mundo.

Além disso, quando, para algumas famílias houve perda de pessoas próximas, a ausência do ritual de passagem parece ter sido um agravante à situação.

A Participante 1 narrou esse fato no seu relato, como mostrado a seguir.

E teve ainda um prejuízo que a minha mãe faleceu em julho de 2020. Não foi de Covid, mas mexeu muito com a gente porque nós vivenciamos essa questão dos velórios relâmpagos, dos enterros relâmpagos e foi bem traumático para ela e para mim (Participante 1)

Segundo Giamattey *et al*. (2021), os rituais de passagem como o são os velórios em sociedades cristãs, têm a função de auxiliar o indivíduo em processos marcados por alterações ao longo do ciclo vital, uma vez que o próprio indivíduo se modifica, ao ultrapassar fronteiras que demarcam a passagem de uma posição ou *status* para o seguinte. Para além da imensa variedade de rituais existentes na vida humana, jazem as formas que permeiam o senso de comunidade específico de cada sociedade, ao mesmo tempo que revelam a forma com que consegue se estruturar e reestruturar diante das mudanças que ocorrem no percurso da vida. Nas palavras dos autores, "A pandemia veio de uma forma avassaladora, atropelando a organização e realização dos rituais funerários e de despedidas das famílias e seus desdobramentos: funeral, cremação, sepultamento, luto" (GIAMATTEY *et al*., 2021).

Além da privação dos ritos, medos foram relatados pelas participantes em relação a ações do cotidiano, como andar de elevador. A possibilidade de contágio foi determinante nesse aspecto, como é possível notar em:

(...) porque se sair no elevador vai todo mundo morrer. (Participante 2)

Para Freud (1917) e Kubler-Ross (1981) compreender o luto como processo natural de tristeza, implica em considerar que cada indivíduo levará um tempo para saber seus efeitos. À princípio o novo ciclo resolverá.

Embora não se tenha total clareza sobre como tais perdas impactaram as

crianças, alguns impactos decorrentes desse processo foram observados. Segundo as mães, as crianças passaram a apresentar obesidade, síndrome do pânico e dificuldade de aprendizado.

Ele foi para a escola na primeira semana e começou a ficar ansioso em alguns momentos. Muito agitado. E realmente ele estava com pânico. Pânico de estar na escola, de ficar doente, de adoecer os avós. (Participante 2)

Esse relato ilustra como a saúde mental das crianças pode ter sido afetada em decorrência de suas inúmeras e variadas experiências de perda. Segundo Silva e Castro (2024), a própria psicologia se viu questionada durante a pandemia no sentido de oferecer ferramentas úteis ao enfrentamento desses processos de perdas. Os parâmetros teóricos precisaram ser revistos e adaptados a fim de que os profissionais da área pudessem assistir às famílias. Dessa forma, a psicologia tornou-se mais próxima do sujeito, o que lhe atribui maior visibilidade e ainda um respeito mais genuíno de toda a sociedade (SILVA e CASTRO, 2024).

Entretanto, três anos após a pandemia, as crianças voltaram à escola, a brincar e o processo de luto pôde ter se concluído, como relata a participante 4.

(...) *voltou o mínimo de normalidade da vida delas e aí eu contei né, aí eu falei, bela, a mamãe nos falou, aí ela chorou, tal, aí claro, eu vim no cemitério, tal, mas enfim, ela não teve, sei lá, era o meu instinto. A gente se despediu de outras maneiras, né?* (Participante 4).

- **Ambiente**

A roda de conversa com as mães revelou como a pandemia de COVID-19 transformou profundamente o ambiente familiar. Uma reflexão sobre esse aspecto a partir de conceitos de Winnicott, sobretudo sobre a importância do espaço emocional e físico para o desenvolvimento das crianças e de seu self mostrou-se pertinente.

Durante o período de isolamento, as famílias enfrentaram desafios sem precedentes que impactaram não apenas a dinâmica familiar, mas também a saúde e o bem-estar das crianças. Muitas mães relataram problemas alimentares e dificuldades de aprendizado, resultados da ruptura nas rotinas e na estrutura que sustentavam o

amadurecimento saudável dos pequenos. A falta de interações sociais e o estresse ambiental dificultaram a criação de um espaço seguro e acolhedor, essencial para o desenvolvimento emocional e cognitivo.

Winnicott enfatiza que "não há crescimento verdadeiro sem um ambiente que sustente a liberdade do eu" (1983, p. 22), sugerindo que a ausência desse suporte pode comprometer a formação de um self saudável. Durante a pandemia, as crianças foram forçadas a se adaptar rapidamente a novas condições, o que muitas vezes levou ao aumento da ansiedade e insegurança.

Ela saiu também da escola que estava e começou em uma nova. Então, pra G., foi tudo muito novo né? Os amigos eram todos online. Ela não conhecia ninguém. (Participante 5)

Nesse relato, a mudança de escola vivenciada pela criança aos seis anos parece ter impactado sua socialização, que se tornou severamente limitada, uma vez que lhe foi privada a oportunidade de conhecer presencialmente seus novos colegas. Além disso, as crianças que não tinham irmãos ou outras crianças para conviver em casa parecem ter sentido ainda mais os efeitos ruins do isolamento social.

Ela não podia conviver com ninguém, por conta da pandemia, as pessoas não iam mais na casa da minha mãe, sobrinhas, tias, minhas irmãs. Nós ficamos isoladas lá". (Participante 1)

Essas narrativas destacam a importância do ambiente na socialização infantil, conforme preconizado por Winnicott (1991).

As mães expressaram a necessidade de resgatar elementos de segurança e familiaridade, mostrando como a reconstrução de um ambiente propício pode auxiliar na superação dessas dificuldades. O suporte emocional e a criação de um espaço acolhedor se tornaram fundamentais para ajudar as crianças a reencontrarem seu caminho de desenvolvimento saudável. Assim, diante dos desafios impostos pela pandemia, as mães estão cada vez mais conscientes da importância de cultivar um lar que ofereça amor e compreensão, essenciais para o bem-estar emocional e o desenvolvimento das crianças em tempos incertos.

O ambiente, como afirma Winnicott (1997), é crucial para o crescimento e formação do self, sendo vital que as famílias trabalhem na construção de espaços que permitam às crianças se sentirem seguras e conectadas, mesmo em meio às adversidades.

- **Alfabetização**

À luz da teoria vygotskyana sobre a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP) e a interação social como aspecto fundamental no desenvolvimento infantil durante o processo de alfabetização e aprendizagem, esta pesquisa buscou analisar possíveis impactos no processo de alfabetização (OLIVEIRA, 1997).

Os relatos das mães evidenciaram que embora o processo de alfabetização tenha sido afetado durante o isolamento social, tais efeitos foram equacionados nos anos seguintes, após o retorno ao ensino presencial ou híbrido. Dessa forma, os efeitos prejudiciais à alfabetização não se mantiveram a longo prazo, não afetando, assim, o desenvolvimento e estabelecimentos de competências associadas ao letramento.

Tanto é que ele foi alfabetizado quando entrou no colégio que ele está hoje, e no segundo ano. (Participante 2)

Sobre isso, a participante 1 também relatou que sua filha se alfabetizou no ano seguinte com ajuda de uma professora particular.

Foi em 2021, a gente foi pra Itanhaém. (...) A escola de Itanhaém é uma escola municipal. (...) E depois a gente voltou pra Santos, aí ela voltou pro colégio I. E terminou de ser alfabetizada lá. E junto com uma professora particular também, né? Pra ver se o negócio acelerava pra recuperar o tempo perdido da pandemia. (Participante 1)

Embora o estudo não tenha identificado perdas significativas de aprendizagem, leitura ou déficits de competência a longo prazo, foram observadas consequências negativas decorrentes do fechamento das escolas (ARAÚJO, 2023). Pois o processo de aprendizado remoto representou um significativo desafio para crianças em tenra idade, resultando em um adiamento de sua alfabetização até o retorno às aulas presenciais,

quando puderam contar com o suporte de professores particulares.

- **Outros assuntos**

Nessa categoria foi possível perceber os custos emocionais decorrentes de todo o processo pandêmico aos pais das crianças.

Eu estava muito cansada, meu marido já tinha voltado da China. Mas ele ficava trabalhando, ele ficava 21 dias embarcado e vinha 5 para casa, tinha que fazer exames para vir pra casa, muito cansativo. E com isso eu acabei me sentindo muito sozinha. Eu parei de trabalhar e fiquei por conta das crianças. Dei o máximo para que eles não sentissem tanto. (Participante 3)

Conforme relatado pela participante 4 em nome do bem-estar dos filhos, as mães se sacrificaram emocionalmente a fim de suprir quaisquer faltas e/ou dificuldades vivenciadas por seus filhos. Uma reflexão que se torna possível somente quando se afastam do processo vivido e se tem a oportunidade de falar sobre isso.

Segundo Lins *et al*. (2015), os pais, quando comprometidos em suas tarefas de cuidado tem essa capacidade de colocar a saúde dos filhos como protagonista diante de sua própria saúde. Nesse sentido, espaços de diálogo como o oferecido durante a Roda de conversa parecem ser importantes para auxiliar as famílias em seus próprios processos de reconhecimento e elaboração de dificuldades vividas anteriormente.

Eu gostei muito, agradeço muito por ter sido convidada e gostei muito de compartilhar com vocês também um pouquinho aí. Muito obrigada. Foi bom. Agradecer a oportunidade de relembrar, reviver as dores, eu tenho uma tendência a jogar as dores, problemas debaixo do tapete, assim, sei lá. Mas assim, foi bom, a gente não pode esquecer esse momento, até para aprender, se acontecer de novo, né… tem que entender para, sei lá, para tanto curar as feridas, para se preparar para o futuro, né? (Participante 4)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho evidenciou diferentes enfrentamentos vivenciados por crianças, em

período de alfabetização, ao longo do isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19. No momento da redação desse estudo já se passaram quatro anos desde o início do isolamento e praticamente dois desde o final disso, o que só foi plenamente possível a partir da vacinação.

A partir do relato das mães foi possível perceber o quanto todo o processo vivido na pandemia deixou marcas em todas as famílias e o quanto estamos longe, enquanto sociedade, de um momento de cura. Seja através das perdas experienciadas pelas crianças, ou pelo comprometimento de um ambiente saudável para o desenvolvimento delas, todos foram impactados de alguma forma por esse processo que a ciência se debruça como objeto de estudo para melhor compreendê-lo e, dessa forma, ser capaz de propor estratégias eficazes aos envolvidos.

Embora, de fato, não se saiba se habilidades eficazes durante longos períodos de isolamento social ainda sejam necessárias no futuro, cabe à ciência estar de prontidão para o fazê-lo.

Nesse sentido, a Psicologia, além de lidar com os efeitos do isolamento social na saúde mental em todas as esferas sociais, incluindo crianças e seus familiares, precisa também considerar a possibilidade de novas crises sanitárias, ou outras decorrentes de mudanças climáticas, o que, significa estar atento aos alertas da ciência sobre as transformações em âmbito mundial.

Esse trabalho, dentro de suas limitações, principalmente em relação à abrangência dos resultados dada a composição da amostra, buscou contribuir com a compreensão da Psicologia sobre os efeitos do isolamento social em crianças e suas famílias. Novos estudos futuros sobre o mesmo aspecto podem ser elucidativos para um entendimento mais completo do fenômeno e sugere-se que as próprias crianças possam ser ouvidas a partir de suas percepções sobre o período.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Edileuza Ferreira de. Socioeconomia no ensino durante a pandemia: como as diferentes classes responderam ao processo de ensino e aprendizagem. *REBENA – Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem*, v. 6, p. 76-84, 2023. Disponível em: https://rebena.emnuvens.com.br/revista/index. Acesso em: 05 out. 2024.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago 1917 (impressão em 1976) v. XIV

GIAMATTEY, Maria Eduarda Padilha et al. Rituais fúnebres na pandemia de COVID-19 e luto: possíveis reverberações. Escola Anna Nery, v. 26, n. spe, p. e20210208, 2021.

KUBLER-ROSS, E. Sobre a morte e o morrer, São Paulo: Martins Fontes, 1981.

LINS, Z. M. B., SALOMÃO, N. M. R., LINS, S. L. B., FÉRES-CARNEIRO, T., & EBERHARDT, A. C. O papel dos pais e as influências externas na educação dos filhos. 43 SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo Revista da SPAGESP, 16(1), 43-59, 2015.

LURIA. A. R. Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria. Porto Alegre: Artes Médicas. 1987.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Vygotsky Aprendizado e desenvolvimento um processo sócio histórico. Editora Scipione. 1997.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Declaração sobre o segundo encontro do Comitê de Emergência do Regulamento Sanitário Internacional sobre o surto do novo coronavírus (2019-nCoV). Genebra, 30 de jan. 2020. Disponível em: https://www.who.int/news/item/30-01-2020-statement-on-the-second-meeting-of-the-international-health-regulations-(2005)-emergency-committee-regarding-the-outbreak-of-novel-coronavirus-(2019-ncov). Acesso em: 01 out. 2024.

SILVA, Ana Cleide Ferreira; CASTRO, Ewerton Helder Bentes. A compreensão do luto repentino durante a pandemia do COVID-19 e a perspectiva da psicologia. Revista Amazônica, v. 17, n. 1, p. 1035-1068, jan.-jun. 2024.

SPINKY, M. J. P., LIMA, H. (2004). Rigor e Visibilidade: A explicitação dos passos da interpretação. IN SPINK, Mary Janes (org.). Práticas Discursivas e produção de sentidos no cotidiano. São Paulo: Cortez.

UNICEF. COVID-19 and Children: Protecting children from the impact of the pandemic. 2020. Disponível em: https://www.unicef.org/reports/covid-19-and-children. Acesso em: 01 out. 2024.

WARSCHAUER, C. Rodas e narrativas: caminhos para a autoria de pensamento, para a inclusão e a formação. 2004.

WINNICOTT, D. W. O ambiente e os processos de Maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional, Artmed, 1983.

_____. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *O uso e o objeto*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.